

**O MICAS
E OS
TRIBUNAIS**

Malaquias Sementes

© 2025 MALAQUIAS SEMENTES | SILENT PEN ®
O MICAS E OS TRIBUNAIS

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2025 (1.^a Edição)
Referência Interna SP2025.001 30.03.2025 00:48
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei dos direitos de autor.



*Aos que julgam com lucidez,
mesmo quando o cansaço pesa mais que a toga.*

*Aos que ouvem antes de decidir,
mesmo quando tudo à volta grita por pressa.*

*Aos que, mesmo com o peso dos dias e a solidão das decisões,
escolhem julgar com coragem,
que não fogem do mérito e nem se escondem atrás de atalhos
processuais.*

*Aos que sabem que uma vírgula mal colocada pode custar uma
vida
e que, no labirinto da lei, é mais importante encontrar a ver-
dade do que seguir sempre o trilho mais curto.*

Aos professores de Direito que escrevem com precisão e alma.

*Aos que ensinam o que está nos livros, mas também o que é a
vida.*

*Aos que formam juristas, mas não esquecem que antes disso se
formam pessoas.*

*Porque a Justiça, quando bem feita , é também literatura da
mais alta,*

feita de silêncio, risco, compaixão e a palavra certa.

Este livro é vosso.

Mesmo que nunca o leiam.

Agradecimentos

Aos meus Pais, pelo chão firme e pelo espanto. Pela mão que me guiou sem me prender. Pela rebeldia que me ensinaram com o exemplo e não com palavras. Pela coragem com que me deixaram fazer perguntas que ninguém queria ouvir, mesmo quando isso vos doía. Por me ensinarem que o mundo pode ser injusto, mas que não se aceita por isso.

Aos Professores de Direito que tive, alguns formais, muitos ofícios, em bancos de faculdade ou em conversas de corredor, ou ainda em cafés à beira do fim do dia. Alguns provocaram-me, outros ignoraram-me e outros ainda acharam que eu estava no sítio errado. E estavam certos: eu não queria um diploma. Queria compreender. Queria rasgar a pele da Lei para ver se lá dentro havia sangue ou apenas letra. E, sim, alguns de vós mostraram-me que a Lei tem pulsação e, quando não tem, somos nós que a temos de devolver à vida.

À Vida, com V maiúsculo, por não me ter deixado ficar no lugar fácil.

E à Justiça, esse nome que, para mim, é mais que valor.

É causa. É carne. É chão. É farol.

Sim, sacrificaria a minha própria vida, se fosse para garantir que a Justiça, a Liberdade e a Democracia não fossem esmagadas. A vida vale pouco se vivida de joelhos.

Ao Tio Rui, o deste livro, mas também o da vida, por ser companheiro de lutas, de cansaços e de esperanças por vezes sem rumo. Pela ironia nos dias difíceis e pela raiva bem dirigida quando tudo parece ruir. Pela fé, a única fé que me permito ter: a de que lutar ainda vale.

Ao Professor Luís e ao Tio Quim, por me porem à frente quando o perigo se avizinhava e por se colocarem à frente quando já não havia tempo para avisos. Nunca esquecerei quem leva a bala por mim, não por heroísmo, mas por decência.

Aos Professores Albor e Ojeda, os dois catedráticos espanhóis com quem aprendi, quase que clandestinamente, o que nunca se aprende nos códigos. Com eles, os ventos de Espanha sopraram como muralha e abrigo. Nunca me deixaram cair, mesmo quando os gigantes se aproximavam com os seus exércitos de papel timbrado, pressões e chantagens. Obrigado por nunca recuarem.

A todos os que, nas linhas da retaguarda, não têm nome nesta página. Mas seguram o sistema. Seguram-me a mim. Seguram o que resta da Justiça neste tempo complicado onde democracias antigas parecem estar a ruir.

Aos Juízes. Aos bons. Aos que não se dobram, não se vendem e não se escondem. Aos que sabem que decidir é expor-se. Que julgar é arriscar-se. E, mesmo assim, julgam. Mesmo assim, resistem. Aos que ainda lembram que sem Justiça, a Democracia é uma ilusão.

Aos Juízes Conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça, essa orquestra de rigor e decência que o Micas descreve como *maestros* e bem.

Não têm desiludido. Nem nos piores momentos.

Não têm falhado. Nem quando tudo à volta fraqueja.

E é por isso que ainda acredito que temos um país. Um país que merece ser salvo.

Tudo isto pesa mais, quando olhamos à nossa volta e vemos os pilares a ceder. Basta olhar para os Estados Unidos.

A Democracia, que julgávamos sólida, é afinal tão frágil como a indiferença da maioria.

O Estado de Direito, que parecia inquebrável, pode ser despedaçado por um egocêntrico, em poucos meses, com discursos vazios e populismo bem ensaiado.

Pensávamos que nunca aqui. Nunca connosco. Nunca em Portugal.

Mas os “nunca” são os primeiros a cair. Para lá é do outro lado do Oceano, mas temos, juntos, de garantir que não chega aqui.

E é por isso que este livro existe.

Para lembrar que ainda é tempo. Ainda é tempo de ensinar, de proteger e de lutar. É tempo de explicar, com todas as palavras, mesmo às crianças, o que é Justiça.

